

MOVIMENTO NACIONAL DE MENINOS/AS DE RUA
SEDE REGIONAL

C. G. C. 02.704.880/0008-89

Praça da Sé, 184 - 7.º andar conj. 702

CENTRO - São Paulo - SP - CEP 01001 - Fone: (011) 37-8326



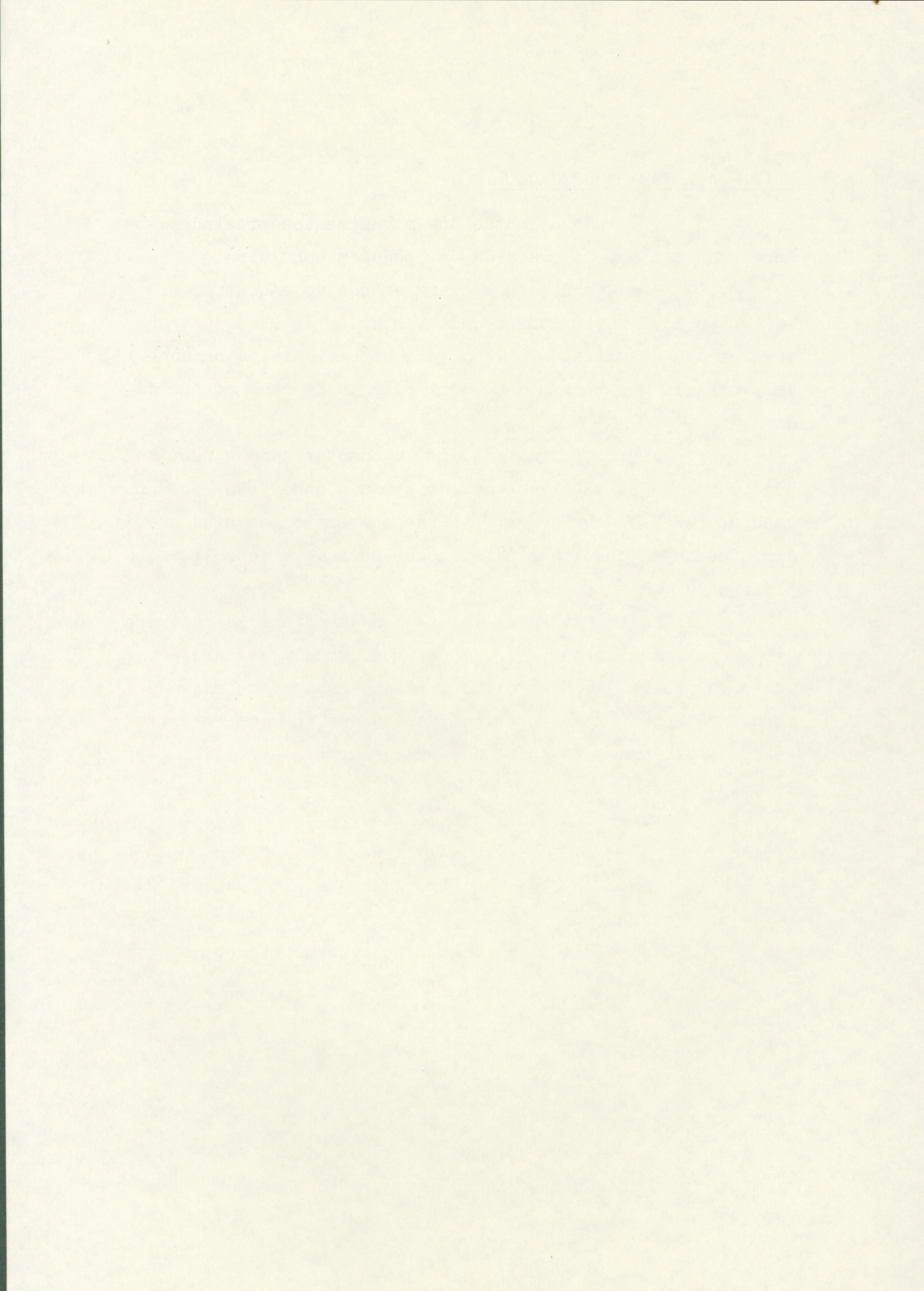
" COMISSÃO DA CIDADE DE SÃO PAULO "

- " SITUAÇÃO DO ATENDIMENTO A CRIANÇAS E JOVENS DE RUA

NA ÁREA CENTRAL DA CIDADE " -

- " COMISSÃO LOCAL CENTRO " -

SÃO PAULO, OUTUBRO DE 1.987 .



I - INTRODUÇÃO:

Após uma série de discussões da comissão local centro-São Paulo, do Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua, sobre a qualidade de atendimentos prestados a os jovens e crianças da Praça da Sé, surgiu a necessidade / de se fazer um levantamento das entidades ou pessoas que assistem sistematicamente ou não estes jovens. Com este objetivo o grupo foi para a Praça da Sé, conversar com os meninos e meninas e observar com mais atenção estes trabalhos .

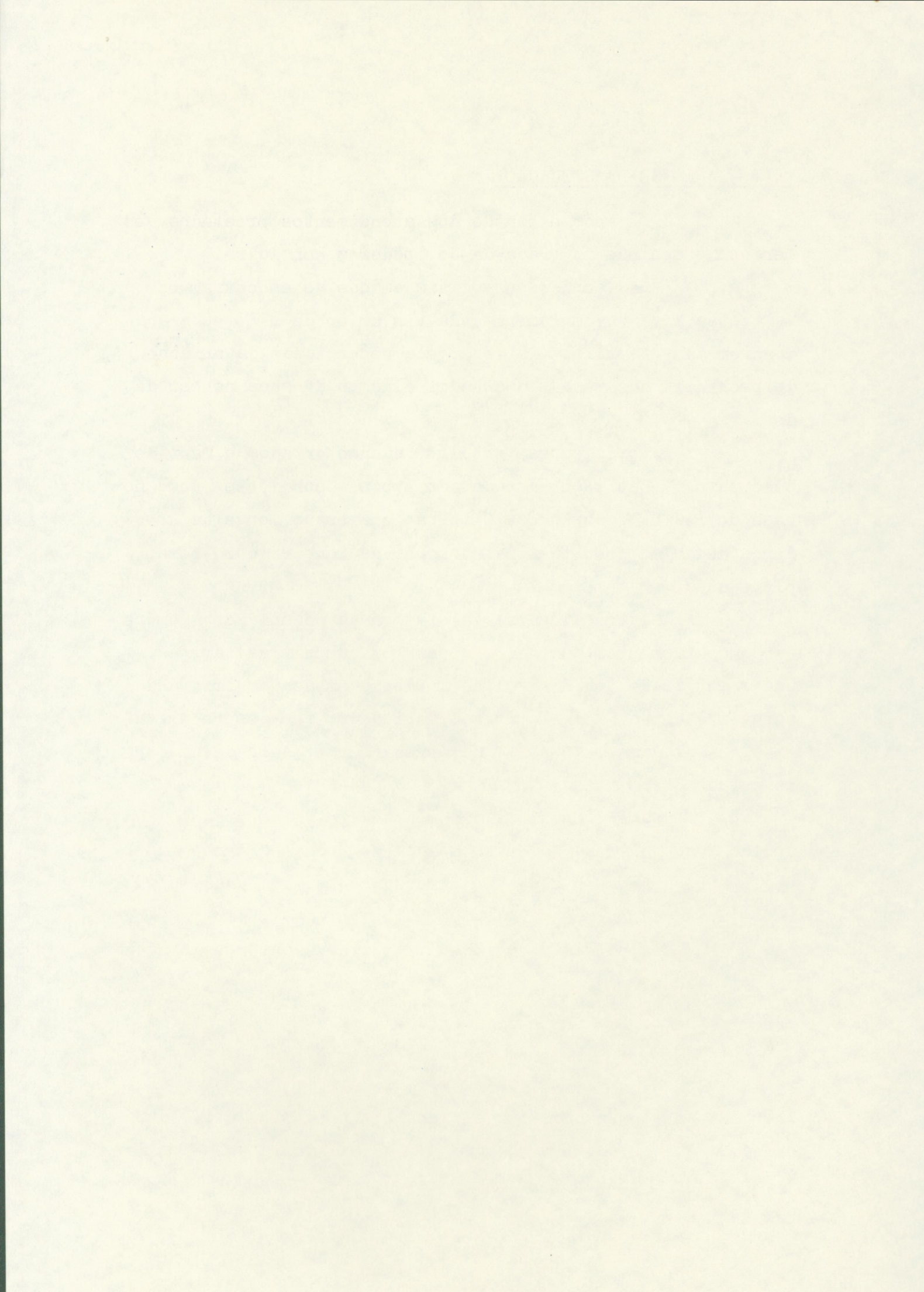
II - ENTIDADES QUE ATUAM COM MENINOS/AS DE RUA NA ÁREA CENTRAL DA CIDADE:

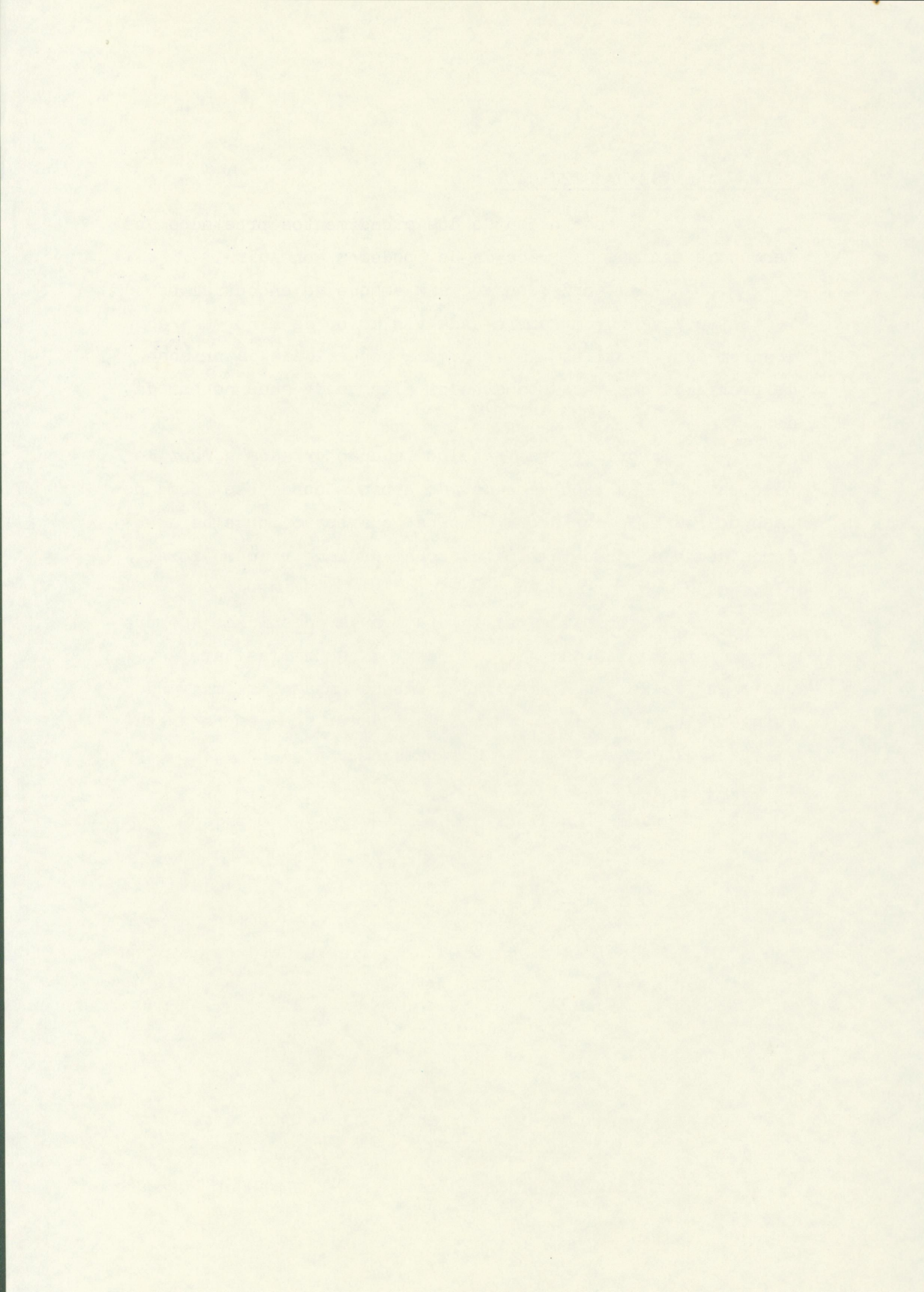
- Em 1982 um grupo de educadores da Pastoral do Menor, começou a atender estes jovens na rua.

- A Pastoral do Menor da região Sé, atua no momento com uma educadora que acompanha as crianças durante algumas horas, duas ou três vezes na semana, encaminhando-as aos programas existentes .

- Ainda em 1982, foi inaugurada a Casa Serena do irmão Jaime, situada na rua Cotoxó, 386 no bairro da Pompéia, que trabalha com crianças da Praça da Sé. Toda segunda feira à noite, é feito um contato com as crianças e as que estiverem interessadas em ter "uma casa" devem acompanhá-lo. Os meninos devem ter de 07 a 17 anos e lá ficam internos, só podendo sair acompanhados. É feita uma preparação com o menino até que ele tenha condições de frequentar uma escola formal e de trabalhar.

- Em 1983, D^a Catarina iniciou o seu trabalho de distribuição de café da manhã, e assim continua até hoje. Toda manhã, é fornecido o café para o pessoal de rua, e dentre este pessoal se incluem as crianças. É mais um trabalho voluntário, de iniciativa pessoal, que visa fornecer alguma alimentação para esta população .





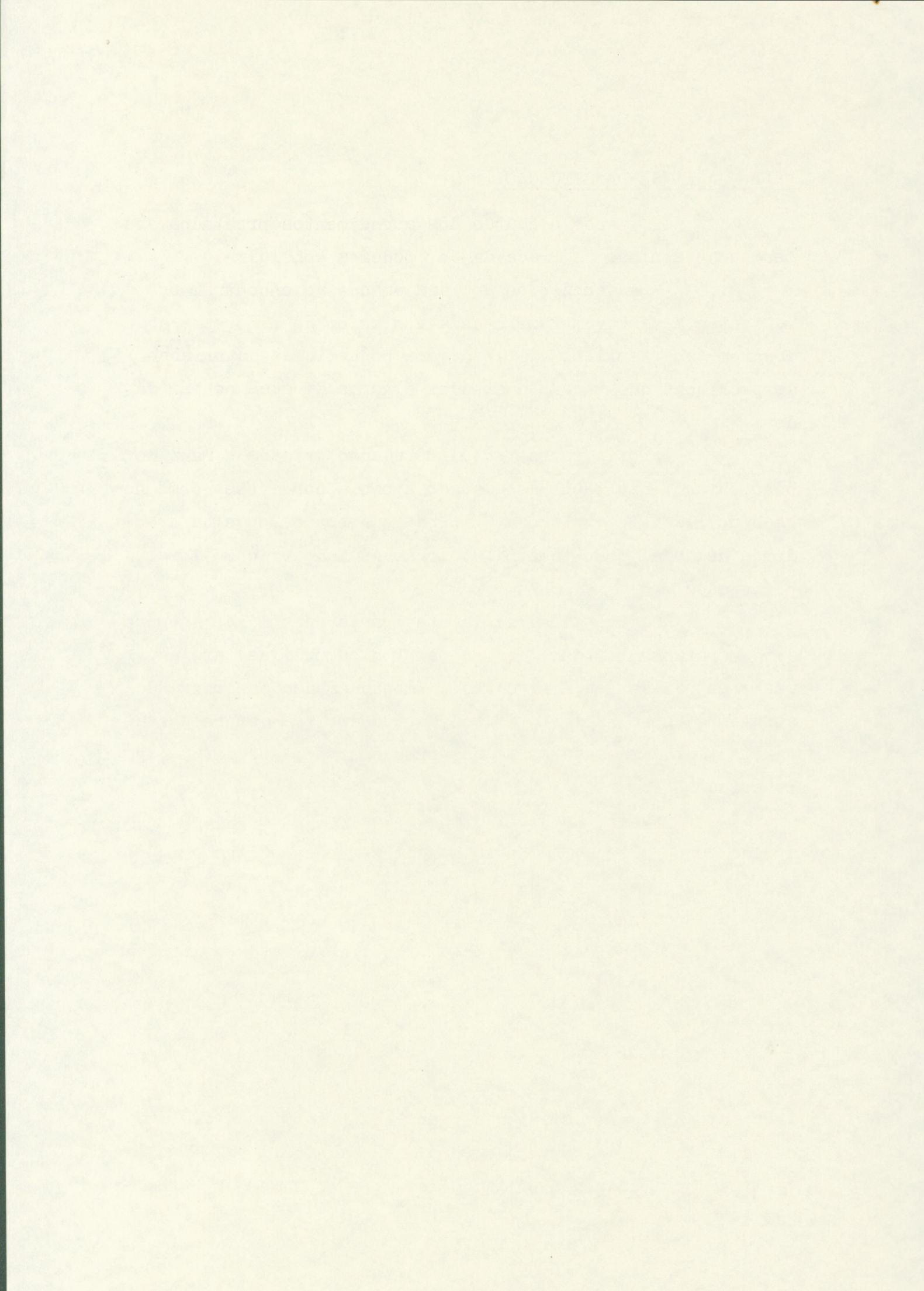
- Em 1984, foi criada a C.G.M. (Centro Comunitário do Menor) com o trabalho de Associação das Entidades, visando à melhoria da vida no Centro. Para as entidades, o menino deve ter de 10 a 17 anos e preencher uma ficha com seus dados pessoais. Já ele recebe o café da manhã, o almoço e o material para trabalhar. O C.G.M. tem um educador de rua que acompanha os meninos na Praça da Sé e identifica, dando as orientações necessárias para se trabalhar como aprendizes.

- Em junho de 1985, surgiu o P.C.H. (Projeto Criança de Rua) com o objetivo de atendimento imediato ao menor de rua. Este projeto foi desenvolvido em parceria com a Prefeitura Municipal de São Paulo, onde atuam os serviços de saúde, educação e assistência social. O projeto atua em áreas de risco, onde há uma grande concentração de crianças de rua. O projeto oferece atendimento imediato, alimentação, higiene pessoal e encaminhamento para serviços de saúde e educação.

- Em 1985, foi criada a Associação de Pais e Amigos dos Deficientes (A.P.A.D.), visando à melhoria da vida das crianças com deficiência. O projeto atua em áreas de risco, onde há uma grande concentração de crianças com deficiência. O projeto oferece atendimento imediato, alimentação, higiene pessoal e encaminhamento para serviços de saúde e educação.

- Em 1985, foi criada a Associação de Pais e Amigos dos Deficientes (A.P.A.D.), visando à melhoria da vida das crianças com deficiência. O projeto atua em áreas de risco, onde há uma grande concentração de crianças com deficiência. O projeto oferece atendimento imediato, alimentação, higiene pessoal e encaminhamento para serviços de saúde e educação.





Diante dessa realidade, culpar essas iniciativas inovadoras, corajosas, antecipação ou experiências que apontam para uma política mais ampla, pelo aumento do número de número de crianças de rua ou acusar de que estão alimentando a presença delas nas ruas, pode ser uma análise precipitada, e superficial, que além de não respeitar a visão das próprias crianças, não valoriza as descobertas significativas que esses trabalhos acumulam no trato da questão .

Tanto as iniciativas da comunidade como essas do Estado, surgiram e ainda se encontram num contexto em que o atendimento às crianças e jovens de rua do centro da cidade não é prioridade. Essa falta de prioridade não colabora no surgimento de uma política de atendimento definida e global, na articulação das experiências significativas existentes e, na melhoria das condições de trabalho e atendimento prestados atualmente .

Entende-se que atualmente, são poucas as iniciativas que efetivamente estão indo ao encontro das expectativas e necessidades das crianças de rua do centro da cidade , apesar do grande número de iniciativas que algumas vezes pessoas alheias ao processo, dizem existir. Chega ao conhecimento da população que existem atualmente mais de 30 entidades ou pessoas prestando atendimento ou trabalhando com as crianças de rua da Sé. Porém, o que percebe, é que apenas a associação dos engraxates do C.C.M. , a Escola Oficina do Parque Dom Pedro da Secretaria de Estado da Educação e o Projeto / Crianças de Rua da Secretaria de Estado da Promoção Social, / prestam serviços mais efetivos, globais e consequentes, restando outras iniciativas mais tímidas, sem estrutura de atendimento, isoladas, pessoais ou até mesmo inconsequentes .

A situação das crianças e aquilo que elas hoje expressam como expectativas ou necessidades é o critério para se fazer a análise acima, porém, é importante frisar que mesmo três programas de atendimento citados, não satisfazem a questão muito distantes de um atendimento eficaz.

materiais ou humanos, básica, sem a articulação necessária de quem atende, em geral, à mesma clientela e sem uma proposta pedagógica mais condizente com a realidade.

IV - PROPOSTA DE UMA POLÍTICA DE ATENDIMENTO ÀS CRIANÇAS E JOVENS QUE VIVEM NAS RUAS CENTRAIS DA CIDADE:

A situação das crianças e jovens de rua exige / hoje um momento novo, para o qual levantamos os seguintes princípios:

1. Atendimento em meio aberto, numa linha de / não internação e de respeito à dignidade da criança, sem violência ou métodos repressivos.
2. Buscar alternativas de moradia condizentes / com a quantidade de crianças que vivem hoje nas ruas centrais, com a realidade de vida e as características que possuem, em local destinado a esse fim, não tão próximo ao centro e que possa oferecer condições dignas de permanência .
3. Suprir necessidades básicas de alimentação , vestuário, higiene, saúde e lazer, como momentos importantes / de um processo educativo consequente e não paternalista, na / formação da criança enquanto pessoa e cidadã .

4. Incrementar alternativas de escolarização / com práticas a partir da realidade das crianças, que passam / pela experiência da educação pelo trabalho e pela busca de al-
ternativas concretas de sobrevivência, fundamentais dentro de um processo de resgate do projeto de vida do grupo e de resga-
te da condição de cidadão .

5. Buscar uma articulação entre as propostas e-
xistentes, dentro de uma política de atendimento definida, rom-
pendo com o isolamento, e baseando-se numa complementação dos
serviços prestados, evitando ações paralelas .

6. Garantir a presença de educadores na rua, co-
mo momento importante de acompanhamento das crianças e de diá-
logo com a sua realidade e seus valores .

Observação: buscar hoje uma proposta de atendi-
mento mais definida, articulada, e em melhores condições, de-
ve significar também:

- Respeitar e valorizar a caminhada e a experi-
ência de trabalho que os grupos atuantes possuem.

- Não tirar das crianças o direito de escolha /
do local e das atividades com que tiver mais afinidade. O diá-
logo e o intercâmbio constantes entre os serviços prestados é
que irão garantir o não paralelismo de ações.

- Respeitar a vivência de grupo que as crianças
possuem, com práticas educativas não massificantes/massifica-
doras, mas que busquem a formação no coletivo e para o coleti-
vo . É importante perceber que a vida nas ruas (~~foram as~~) de
uma forma ou de outra, deu às crianças uma experiência de gru-
po e de organização que o atendimento não pode dismantelar ,
mas sim, procurar partir dela para a construção de uma alter-
nativa nova .

